

Clube da fé

Por Michael Serra

É notório que o São Paulo nasceu em berço de ouro, no ano de 1930, fruto da fusão de dois grandes times da era amadora do futebol no Brasil. Também é de conhecimento de muitos que, quando o clube foi refundado, em 1935, o mesmo não se repetiu. Reconstruído do zero, os jogadores, sócios e dirigentes do Tricolor batalharam muito para voltar a ocupar um lugar de destaque no cenário nacional.

Por causa dessa fase tempestuosa, o famoso jornalista Thomaz Mazzoni, em 1937, batizou o São Paulo como o “Clube da Fé”, pois só com “a fé em seu destino e o amor ao seu hoje”, o Tricolor voltaria a se tornar um dos grandes do futebol.

A fé era a força motriz e um dos principais bastiões do Tricolor, verdadeira e especialmente por contar, até mesmo, com um dirigente que era exata autoridade no assunto, por assim dizer: o Monsenhor Francisco Bastos.

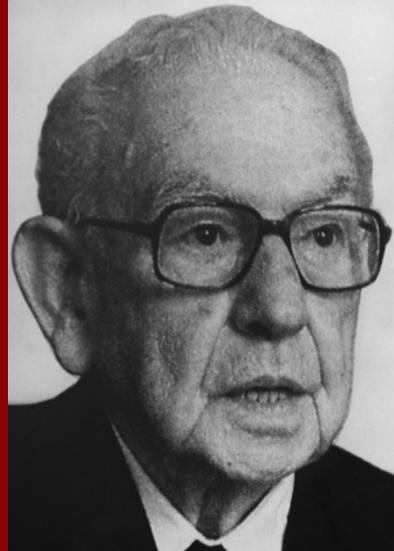
Francisco Bastos, sentado à mesa, com o hábito e colarinho de padre



Quem foi Monsenhor Francisco Bastos

Entusiasta e fervoroso são-paulino, Francisco Bastos, padre formado pela Universidade Gregoriana de Roma em Filosofia e Teologia, em 1917, foi o encarregado chefe da Igreja da Consolação de 5 de julho de 1921 a 8 de outubro de 1968.

Como tantos outros daquele período, passou a torcer para o Tricolor com o fim do futebol no CA Paulistano, clube pelo qual nutria afinidade desde a juventude. Se associou ao São Paulo Futebol Clube, sob número de registro 2841, ainda na Chácara da Floresta, no início dos anos 30 e com a fusão com o CR Tietê, em 1935, passou a lutar ativamente pela reativação do Esquadrão de Aço.



FRANCISCO BASTOS

Nascimento:

Piracicaba, 11 de setembro de 1892

Falecimento:

São Paulo, 22 de fevereiro de 1984

Pároco da Igreja da Consolação de 1921 a 1968

Criador da Conferência de São Vicente de Paulo, da Pia União das Filhas de Maria e da Obra das Vocações Sacerdotais

Fundador do Círculo Operário Católico Metropolitano

Fundador da Rádio Excelsior

Editor do Jornal O Operário

Autor dos livros “O Evangelho sobre os telhados” e “Reminiscências de um pároco da cidade”

Agraciado pelo Papa Pio XII com o título de “Monsenhor prelado doméstico”

Agraciado pela Câmara Municipal de São Paulo com o título de “Cidadão Paulistano”.

No São Paulo FC:

11º Refundador do São Paulo FC

Presidente do Conselho Deliberativo (1935-36);

Vice-Presidente da Diretoria (1958-64);

Diretor esportivo (1940-41);

Diretor auxiliar (1946, 1947-49).



Assim, em 16 de dezembro de 1935, Francisco Bastos foi uma das 15 pessoas que assinaram a ata de refundação do São Paulo Futebol Clube (o 11º a registrar o nome, exatamente como “Cônego Francisco Bastos”).

Bastos sempre se esforçou ao máximo pelo Tricolor. No final dos anos 30, quando o clube ainda não era nada mais que uma sala de reuniões em um porão alugado, o elenco são-paulino dormia e se concentrava na paróquia do Monsenhor - É dito que até mesmo chegava a treinar nos fundos e na torre da igreja. Na verdade, por vezes, Bastos prendia os jogadores lá dentro, para que nenhum escapasse às noitadas em vésperas importantes.

Certa altura, os dirigentes tricolores se mobilizaram para, contribuindo como pudessem, ajudar com as contas do clube. Como esses salvadores do clube, em 1935, não eram tão abastados financeiramente como aqueles que o fundaram, em 1930, era necessário contar moedinhas. Porphyrio da Paz, na reu-

Ata da Assembleia Geral extraordinária, realizada em sessão de dezembro de mil e novecentos e trinta e cinco para a fundação do São Paulo Futebol Clube, com a presença dos seguintes senhores:

1. Mr. José do Carmo Moço
2. Sr. Augusto Vianna
3. Francisco de Assis Camargo
4. Eolo Campos
5. Uprandacimment
6. Gibão Passalunghi
7. Francisco de Assis Camargo
8. Conde Porfirio da Paz
9. Edmundo de Assis
10. Medeiros A. G. Menezes
11. Conde Francisco Bastos
12. Sebastião de Assis
13. Sebastião de Assis
14. Sebastião de Assis
15. Sebastião de Assis
16. Sebastião de Assis
17. Sebastião de Assis
18. Sebastião de Assis
19. Sebastião de Assis
20. Sebastião de Assis
21. Sebastião de Assis
22. Sebastião de Assis
23. Sebastião de Assis
24. Sebastião de Assis
25. Sebastião de Assis

nião, apareceu com uns trocados, dizendo “minha esposa recebeu um adiantamento para a costura de umas roupas. Ela ainda não sabe”. Ao passo que o Monsenhor também jogou umas notas na mesa e complementou: “Bem, Ele sabe!” - o padre havia “emprestado temporariamente” um pouco da caixinha da igreja.

Em tempos melhores, graças a tamanhas provas de amor, coube ao Monsenhor Francisco Bastos a honra de abençoar o terreno do Estádio do Morumbi, em 15 de agosto de 1952. O cardeal são-paulino foi também celebrou a missa e cerimônia oficial da conclusão do mesmo estádio, em 25 de janeiro de 1970, na ocasião da partida contra o FC do Porto. Do início ao fim das obras, o Morumbi esteve sob sua benção.

E como torcedor, no estádio apoiando o Tricolor, que o Monsenhor revelava ser uma figura folclórica. O famoso escritor Benedito Ruy Barbosa, certa vez, assistia a um jogo ao lado do religioso e, exaltado pelo desempenho negativo da equipe, se segurava para não vociferar palavrões e mais palavrões ao lado daquele santo homem. Foi quando Monsenhor Bastos lhe disse: “Fique à vontade, xingue! Pode xingar à vontade. Você pode, eu que não posso!”.



O Estado de S. Paulo, de 16 de fevereiro de 1979



Futebol e fé, uma questão de rotina

O monsenhor Francisco Bastos, são-paulino da época em que Porphyrio da Paz voltou a fundar o clube, em 1936, após a crise que havia provocado o fechamento do São Paulo da Floresta, mostra orgulho ao falar da tradição e da evolução do São Paulo: "Somos o clube da fé. Quem relembra a nossa fundação, num porão da praça Carlos Gomes, e vê o gigante do Morumbi de hoje, sente por que possuímos essa fé". Ele chegou a ser vice-presidente do São Paulo, há alguns anos.

Na igreja da Consolação, monsenhor Bastos é bastante procurado pelos católicos, que gostam de sua filosofia e sua tranquilidade. Nos estádios, ele é um impaciente torcedor. Sua presença no Morumbi, ontem cedo, acabou tendo uma repercussão muito maior que a esperada, tanto que o "exorcismo" ficou sendo o grande assunto da noite, no estádio, quando do jogo São Paulo x Paulista. Alguns dirigentes procuraram logo atribuir essa repercussão a

um "mal-entendido da imprensa", ignorando que o repórter Flávio Adauto, da Rádio Jovem Pan, havia gravado a entrevista em que o monsenhor Bastos falava em "exorcismo" e em "afastar os maus espíritos".

O que provocou surpresa foi o fato de isso acontecer num clube geralmente cético e discreto como o São Paulo. No futebol, porém, isso pode ser simples rotina, já que a religião e a superstição estão sempre nos estádios.

Um outro caso bem famoso envolvendo o padre se deu no dia 13 de março de 1946 em um jogo São Paulo x Corinthians, no Pacaembu. Como se sabe, quase a totalidade dos torcedores são muito supersticiosos. Com a partida em andamento, Bastos sentou-se na arquibancada, junto a outros dirigentes. No minuto seguinte: gol do Corinthians – pior, um gol contra de Savério. A torcida em volta do Monse-nhor já ficou ressabiada e olhando torto para aquele homem de batina preta. Mais algum tempo depois, aos 26 minutos, outro gol do adversário (agora de Cláudio). Pronto! O que se escutava na arquibancada naquele momento era o cochicho de "Urubu, urubu!", sinalizando que a presença dele era o azar do time.

Mas o São Paulo é o Clube da Fé, e Francisco Bastos também possuía muita! No segundo tempo, Remo, aos 17, e Teixeira-nha, aos 25 minutos, empataram o jogo. A redenção veio faltando um minuto para o fim da peleja: Sastre marcou o gol da virada e da vitória, por 3 a 2. Bastos, com absoluta classe, apenas sorriu e cumpriu-mentou aqueles que momentos antes o tripudiavam.



Francisco Bastos com
o jogador Sarcinelli e o
presidente Laudo Natel

Apesar de todas as lendas e causos folclóricos, Francisco Bastos era uma pessoa extremamente esclarecida. No Tricolor, foi presidente do Conselho Deliberativo (1935-36), vice-presidente da Diretoria (1958-64), diretor esportivo (1940-41) e diretor auxiliar (1946, 1947-49).

Hoje, o auditório do Egrégio Conselho Deliberativo do São Paulo Futebol Clube, no Estádio do Morumbi, é batizado com o nome de Monsenhor Francisco Bastos.

A última homenagem ao saudoso dirigente ocorreu recentemente. Na Paróquia de Nossa Senhora da Consolação, em rua e bairro de mesmo nome, na capital paulista, foi prestada homenagem no dia 7 de agosto último, em cerimônia solene de concelebração eucarística, ao saudoso Monsenhor Francisco Bastos. Os restos mortais do cardeal são-paulino, falecido em 1984, foram transferidos para a Capela de São José, naquela Paróquia, onde permanecerá “ad aeternum” (para todo o sempre).